

SENTIR

Leilac Leamas

© 2025 LEILAC LEAMAS | SILENT PEN ®
SENTIR

Publicado nos EUA e UE
Primeira impressão 2025 (1.^a Edição)
Referência Interna SP2025.054 | 06.11.2025 | 21:50
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.



*Ao meu Argo,
À meia-noite suspiraste e partiste sereno.
Levo-te ao mar e cumpro a promessa.
Este livro é a forma de te sentir.
SENTIR.*

Prólogo

O Ar que Faltou

Porto, 02 de setembro de 2025

O Argo acordou inteiro, comeu as bolachas com a gula litúrgica de sempre, bebeu água como quem benze o dia e enroscou-se no sofá com a cabeça na almofada onde eu ainda deixara o calor da nuca; ao meio da manhã, a respiração começou a afunilar, primeiro ténue, depois uma súbita estreiteza que lhe pinçou o peito, um assobio curto, quase envergonhado, como se pedir ar fosse falta de educação. Peguei nele, um *segugio italiano* com doze anos e um dia cravados no seu pelo curto, preto e sedoso. O Argo tinha o peso *exato* de uma vida que me salvou de várias mortes pequenas; saí sem fechar a porta, desci as escadas com o coração por dobrar, entrei no carro, foda-se, e fui.

A clínica recebeu-nos com a eficiência limpa dos lugares que estão habituados ao fim e que, mesmo assim, acreditam em milagres modestos. Oxigénio, medicação e aquele ritual técnico que suspende Deus por umas horas; disseram três dias, estabiliza, fica connosco, vai aguentar, volta mais tarde, o essencial é o oxigénio. O Argo olhava-me através do vidro como quem vê um aquário ao contrário; não choramingou, não pediu nada, apenas confiou em mim, e a confiança de um cão é um espelho que nos humilha. Toquei com os nós dos dedos na transparência inútil; prometi-lhe pão, mar, cama aos pés, a rotina sagrada de um mundo que ele entendia melhor do que eu; voltei para casa com as mãos vazias e uma trela órfã a morder-me o bolso.

O Porto continuava a sua vida caótica e inútil, com os pombos parvos nas praças, as gaivotas sobre o Douro e a gente apressada para tudo e para nada; enquanto a minha casa perdia o pulmão. O sofá guardava o vinco do corpo dele como quem guarda um segredo; a cama, aos pés, tinha o buraco *exato* do seu descanso; lavei a tigela da água como quem lava um cálice depois de uma missa triste;

passsei a mão pelo cobertor e apanhei dois pelos, um claro, outro mais escuro, uma espécie de relíquia barata que meti no bolso para me lembrar que a matéria tem memória. Sentei-me no chão, encostei as costas ao sofá e ouvi a casa a respirar pela primeira vez sem o ruído de patas; a ausência tem um som mineral, antigo, pré-histórico; não dói, mas cava.

A veterinária ligou às onze da noite e a voz dela vinha treinada para segurar o mundo sem o partir. O Argo estava a ir, a saturação caía apesar do oxigénio, a terapêutica exaurida, o corpo a escolher o descanso, “venha agora”, disse ela, “venha antes que seja tarde demais”. Voltei com a pressa do condenado que corre para o último perdão. Deram-me uma cadeira baixa, alinharam-me ao nível do focinho, puseram-me a pata dele dentro da minha mão, e foi assim, simples e brutal, que a dignidade se fez gesto. Falei-lhe ao ouvido, as palavras de todos os dias, bom cão, meu companheiro, a tua casa espera-te, o sofá tem saudades... e eu também, merda, eu também; a boca dele amoleceu, os olhos fixaram um ponto onde a minha voz era ainda um som, a máquina endireitou a linha; à meia noite menos um sopro, o meu cão, o Argo, escolheu a paz. Não sofreu. Eu sofri por ambos.

Saí com um papel leve que pesava mais do que eu. A luz do corredor tinha a crueldade fria dos hospitais e dos aeroportos; assinei papéis como quem falsifica assinaturas que não quer reconhecer, autorizei a cremação, perguntei por um boião branco, sem ornamentos, sem dourados, sem teatro; porque o mar não precisa de molduras. A casa esperou por mim sem cerimónia; subi em silêncio, abri a porta, deixei o escuro entrar; deitei-me aos pés da minha própria cama para ocupar o espaço dele, só para cheirar a vida que ali deixou um amor incondicional. A dor não queria metáforas; queria silêncio, água fria na cara e um insulto dito baixo para não acordar os vizinhos. Foda-se. Disse-o três vezes, não adiantou, mas afinou o ar.

A primeira noite sem o Argo teve um relógio podre; cada minuto era um cão a entrar pela porta e a não entrar; sonhei com oliveiras, limoeiros, vi a estrada italiana a desenhar-se como um mapa atávico nos ossos do meu bicho; acordei com a língua seca e uma certeza primitiva: ele nasceu em Itália, doze anos e um dia antes e é a Itália que deve voltar, nem que seja em pó, porque a origem é um porto e

um túmulo e eu cumprio promessas mesmo quando não cabem na lei.

Calábria. O nome caiu-me no peito como uma pedra bem-vinda; Tropea ao fundo com a sua falésia de gesso, o Tirreno a lamber as rochas com cólera e ternura, o Aspromonte como espinha dorsal e a máfia calabresa a pesar no ar como um pecado que paga dívidas. Não vou como turista; vou como devedor; levo um boião branco que é um coração antigo e uma conversa que não cabe numa sala limpa.

De manhã, a clínica entregou-me as cinzas; o recipiente era pequeno, mas continha o universo da minha casa. Pousei-o no tampo da mesa onde ele pedia pão com a cabeça torta, aquele esgar de pedinte honesto que me derretia a disciplina; contei-lhe o plano em voz baixa, porque a morte, quando é amada, merece confidências; vamos descer ao sul, meu amigo, vamos entregar-te ao mar que te ensinou a dormir ao sol, vamos sujar as mãos com sal e fechar este círculo com o rigor que a vida nos negou. Fiz café forte, vesti a camisa de linho verde que ele odiava porque cheirava a rua, preparei uma mala curta e a papelada longa, telefonei ao número que guardo num cacifo mental desde a Sicília, uma ex que não gosta de nomes e que me deve uma sobrevivência; atendeu com silêncio e a tosse da surpresa; disse-lhe que levo cinzas e uma pergunta, ela respondeu que há coisas que se resolvem na areia ao cair da tarde, desde que ninguém leve gravador e que a Calábria, quando chama, não aceita atrasos. Desligámos; a negociação começou antes do encontro.

Passei a mão pelo sofá como quem penteia um fantasma; guardei a tigela da água numa gaveta, para não tropeçar em memórias líquidas; escrevi numa folha a data, 2 de setembro de 2025, Porto, o dia em que me faltou o ar dentro do corpo de um cão; dobrei a folha e meti-a no bolso junto do pelo que guardei; alguns objetos, quando se encostam, fazem um pacto secreto que nos segura à beira da viagem.

O boião branco das cinzas ficou preso ao meu peito enquanto me deixava cair na cama. Apaguei as luzes. Respirei devagar. O mundo continuava; eu também, mas com menos ar. E, ainda assim, com o necessário para o levar onde deve ficar.

Capítulo 1

O Boião e o Vazio

Bari, 22 de setembro de 2025

Sai cedo para o aeroporto com o boião branco preso entre o esterno e a camisa, como se um toque mínimo pudesse quebrar a lei do mundo e deixar escapar o pó do Argo. O banco do passageiro estava vazio e eu, um idiota treinado, a estender a mão e a afagar o nada, um gesto automático que expõe o vício antigo de ter ali um corpo quente a tomar conta de mim. A trela no bolso fazia um relevo rígido contra a coxa, uma corda curta a puxar a consciência para baixo. Cheguei ao parque P1 e respirei duas vezes contra a vontade do corpo, com a boca seca e as mãos incertas a fechar o carro. O aeroporto é uma fábrica de partidas onde a dor veste o fato do adeus.

A fila curta, o passaporte e a papelada que legitima as cinzas como se a morte precisasse de carimbos. Um segurança pediu-me a mala de mão; expliquei, com duas frases, o essencial, sem olhar direito. Ele assentiu, abriu o fecho com o cuidado de quem sabe a diferença entre um *souvenir* e o resto de uma vida. Passou o rastreador sobre o boião branco e cravou o olhar num ponto neutro do teto para não me cobrir de piedade. Fechou, devolveu-me o peso e o mundo. Agradei com um gesto e segui.

No controlo, a bandeja levou o telemóvel de sempre, desligado e um segundo, pequeno, selado em plástico, ainda virgem, que coloquei por cima de um livro de bolso barato. O ecrã piscou quando passou na máquina, uma inofensiva promessa de corrente. Retirei-os, guardei no casaco e não falei com ninguém. O ar tinha aquele frio que as máquinas largam para homogeneizar gente.

Sentei-me junto à janela, lá fora a pista preta a querer ferver no primeiro calor da manhã. O ecrã do telemóvel vibrou com um áudio

curto. A Maria Victória. A pergunta: “onde está o Argo?” Ouvi uma vez e a voz dela ficou suspensa na cavidade entre o ouvido e a memória. Não respondi. O não-responder é um tipo de crime contabilizado pela alma. Arquivei sem marcação, uma dívida de verdade para queimar mais tarde.

No *feed*, um vídeo em Vila Nova de Gaia de uma criança de quase três anos a correr junto às letras gigantes, o rio gordo e luminoso a *refletir* as embarcações lentas e o sol a lambar o granito com a paciência de um artesão. A energia daquela corrida subiu-me aos pulsos como uma febre boa e inútil; o contraste riscou-me a língua. Guardei o telemóvel. Chegou a hora. E eu, com o sentir aberto no crânio como um mapa de operações, avancei pelo corredor do embarque.

No avião, o boião ficou enrolado dentro do casaco, junto ao peito. Ninguém reparou que eu viajava com um cão reduzido a uma cartografia fina, em que cada grão era uma coordenada de doze anos e um dia. A hospedeira perguntou se queria uma bebida; pedi água. Engoli meia garrafa e percebi que o meu corpo não sabia ainda beber sem a hemorragia do sentido. Fechei os olhos. Fui por cima da ligação de nuvens até ao sul.

Ao sair, o calor bateu-me nas clavículas. O átrio do aeroporto trazia um rumor baixo de veraneio tardio, *trolleys* empurrados em diagonais e chinelos a bater na pele com o som de pássaros parvos. Um cartaz velho de um concerto colado a meia altura, com cores deslavadas e a cara de um cantor que me empurrou um eco. Promessa antiga a uma italiana do sul, sem nome e sem data, como se as promessas fossem ossos que reaparecem na praia depois de uma tempestade. Toquei com os dedos por um reflexo no bolso interior do casaco onde guardo os números, um de Nápoles, com a etiqueta mental de linha fria, não usado e guardado como pólvora que não deve ver faísca. O sentir, de faca e contrato, a lembrar-me que tudo isto é a trama e a cobrança e que cada escolha tem uma percentagem de culpa.

No balcão de aluguer, o vidro reflectia-me em modo funcional, barba por fazer, olhos com pouca resolução e camisa de linho a pedir

mar. A mulher levantou a cabeça, tinha o cabelo preso e um *piercing* discreto na asa do nariz.

— *Documenti, patente e carta di credito, per favore.*

— *Ecco.*

— *Fiat 500.*

— *Fiat.*

— *Pieno a pieno. Firma qui. C'è la telecamera LPR all'uscita, non fare il furbo.*

Sorri como quem aceita a regra e a nega por dentro. Assinei o recibo, peguei na chave e senti o plástico quente na palma. O papel temperava o rasto; uma assinatura é uma confissão com data e hora, prontinha para o cruzamento de bases de dados e boa vontade policial. Meti o recibo no livro de bolso, entre duas páginas onde o emaranhado de letras escondia melhor os segredos do que a minha memória.

O Fiat esperava lá fora, um carro branco com o interior de pano preto com cheiro a desinfetante barato e a borracha ao sol e um volante ainda com o rasto de mãos sem história. O sol acumulado no tejadilho transferiu-se para os dedos quando abri a porta. O silêncio era de fábrica. Sentei-me, verifiquei o espelho e encostei o boião à coxa por dentro do casaco. Antes de girar a chave, abri o porta-luvas com a solenidade de quem levanta o lençol do morto para confirmar a identidade. Vazio, como devia, pronto para receber a urna que não é urna, mas um objeto-totem. Coloquei o boião branco lá dentro, ajustei-o com o cuidado de um sacristão que conhece o peso das coisas. Respirei. Toquei na tampa e disse a promessa como se uma câmara me estivesse a gravar sem eu consentir, em voz baixa, com a certeza de quem se condena e se absolve no mesmo gesto:

— Juro-te que te levo ao mar que reconheces. Quando a água te tocar, eu abro o peito para que a primeira corrente me atravesse os ossos e me leve o resto de ti.

Girei a chave. O motor acordou a frio, sem protestar. O rádio cuspiu uma música de final de estação, “*Bella Storia*”, com vozes magras e com um refrão curto, circular e repetido até à náusea, desliguei com um toque seco. Silêncio operacional. Saí do parque, passei a cancela e olhei para a câmara que me media ao micrómetro. O sistema de reconhecimento automático de matrículas, LPR, a ler-me

a matrícula como quem me despacha o futuro. Pensei no envelope. Precisava do bar.

O bar dos pescadores ficava em Falerna, encostado ao mar, quatro quilómetros a oeste, ao longo de uma rua com casas de um piso e sombras de antenas a marcar a posição. Cheguei pelo lado das traseiras para medir as entradas e as saídas, um hábito antigo do corpo de quem teve de sair de sítios sem deixar o filme. Estacionei no paralelogramo mais escuro, meti a trela no bolso, toquei no boião por baixo do painel e voltei a sentir as mãos a tremer um pouco, nada de folclore, só corrente elétrica a atravessar as falanges. Entrei.

O cheiro da fritura do peixe vinha da cozinha, com óleo novo e limão espremido numa bancada onde uma faca tinha cortes de história e talvez mais do que apenas do peixe. Havia quatro homens junto ao balcão, com camisolas que tinham sal no tecido e aquela pele curtida de quem não pede licença. O dono, um tipo de meia altura com os olhos a medir, ouviu o primeiro tinir. Juntei três moedas e empilhei-as no meio do balcão, uma sobre outra, discreto. Ele arrumou os copos, esperou dois segundos, tocou com o indicador no topo da pequena coluna, que oscilou e se recompôs.

— *E allora.*

— *Tre caffè ristretti.*

— *Tre caffè. E altro.*

— *Una busta con carta.*

— *Che scherzi. Non siamo l'ufficio.*

As moedas ficaram e a fala ficou sem riso. Ele desapareceu para a porta que dá para o armazém e voltou com um envelope pardo fino, sem selo e sem morada. Pousou-o junto aos cafés. Paguei outra ronda que não pedi, equilibrei a normalidade com o ziguezague do improviso. Peguei no envelope e levei-o ao bolso interior. Não abri. Bebi o café mais curto como quem engole um medicamento sem água. O coração alinhou-se com o ruído dos pratos. Saí sem perguntas. Lá fora, a luz estava crua.

Atrás do bar, ficava um beco com contentores, bicicletas velhas encostadas a um muro e duas janelas com persianas partidas. Abri o envelope. Três matrículas de carro, duas dianteiras, uma traseira e variações de código em metal com tinta preta. Uma fita de dupla

face e dois parafusos extra. Uma nota com a matrícula nova escrita com letra apertada e um desenho riscado de um percurso em Z. Quem preparou sabia mais do que respeitava. Guardei. Senti a culpa a brincar nos dentes, comigo ainda a pensar no parque do aeroporto a ser filmado por aquela LPR de braço fino e lentes frias. A troca de matrículas faz sentido quando as câmaras não registam uma história de antes e depois, mas o ideal nunca coincide com o que se pode.

Abri a mala, tinha ferramentas mínimas num saco de lona. Retirei a matrícula dianteira, vi o parafuso traseiro preso à rosca com cola pobre, um gesto de empresa que evita que as peças fujam, retirei, apliquei e apertei. Quatro minutos. Um cão ladrava num pátio, três latidos, pausa, dois, pausa, como um código morse doméstico. Troquei a traseira, limpei com pano e fechei a mala. Um gato passou, olhou-me sem moral. Voltei a entrar no carro e verifiquei o alinhamento pelo reflexo de um vidro de uma loja fechada. Decente. Senti o envelope como um tumor benigno no casaco. Respirei. Liguei o Fiat.

Contra-vigilância em Z. Primeira perna até à rotunda da praia, torne à direita, entre numa rua estreita com roupa estendida, avance até ao fim, volte à esquerda para um largo com igreja, faça meia volta lenta, observe o retrovisor, ignore o homem de boné que fuma sem olhar. Paragem curta junto a uma papelaria. Comprei dois livros de bolso, os mais pobres, lombada frágil, letras pequenas e papel áspero. Um de Pirandello, “*Uno, nessuno e centomila*”. Outro de Moravia, “*Gli indifferenti*”. O italiano do balcão não tinha troco, dei-lhe a nota mais pequena e saí. Voltei ao carro. Estacionei duas ruas acima, encostei as costas ao banco, abri o plástico do telemóvel descartável, retirei o cartão, parti o invólucro com a unha, liguei e ativei com um código lido de uma embalagem promocional, sem nome, sem morada e sem promessa de contrato. Mantive-o *offline*. Apliquei o modo avião, liguei somente o *Bluetooth* para um ritual que não precisa de rádio.

Criei ali a carteira fria de Bitcoin com o rigor que se dá a um cofre que só abre quando os três, dois de três, consentem. No caderno de capas pretas, desenhei três colunas, anotei as 24 palavras da *seed* (BIP-39) num alinhamento que faria corar um padre pela devoção do traço; nenhuma foto, nenhuma digitalização e nada de

nuvens ou posturas modernas, apenas tinta preta e pressão firme, depois substituí duas palavras por combinações exatas em italiano para confundir olhos furtivos. A primeira chave ficou fora do telemóvel, a segunda num velho Nokia morto que funciona como cofrezinho mudo e a terceira não é minha, pertence à linha fria, o número de Nápoles que não usei e que pode, se a vida apertar, servir de tranca e testemunha. Mais tarde farei as assinaturas, hoje só a semente. Dividi a *seed* em duas metades falseadas do padrão, escrevi metade nas margens de Pirandello, metade em Moravia, letras minúsculas intercaladas entre palavras da página 27 e da 43, recortei subtilmente uma parte da lombada para esconder um papel fino com a ordem certa. Voltei a colar com cola de batom que comprei na papelaria, pressionei com o punho e deixei secar cinco minutos com o calor do motor a ajudar. O carro era uma incubadora de pequenos delitos e sobrevivências grandes. Voltei a arrumar os livros no porta-bagagens, dentro de um saco com o logótipo de um supermercado qualquer. O sentir, como operação, pedia redundância. Dei-lha.

Falhei a quarta perna do Z quando uma rua que eu previa de sentido duplo se revelou sentido único, invertido e o carro da frente travou, um camião de gelo bloqueou a manobra, dois segundos de hesitação bastaram para eu ficar alinhado com uma câmara municipal de lente balofa em cima de um poste, na esquina, apontada ao cruzamento. O LPR de província não é onisciente, mas regista quando tem fome de números. Respirei, girei e corriji. O erro já estava catalogado no meu inventário de falhas necessárias.

Voltaria ao bar dos pescadores para a outra parte da troca. Um homem esperava numa mesa no exterior, vestia uma camisa sem mangas, tinha bíceps marcados pelo sol e pelo trabalho e uma tatuagem velha de âncora a fazer de membrana. Não disse nada, apenas levantou o queixo dois milímetros. Eu sentei-me a duas mesas de distância. O dono trouxe-me uma água em garrafa de vidro e um copo curto e gelo com dentes. Pousei três moedas outra vez, não empilhadas, lado a lado. O homem levantou-se, foi até à casa de banho, deixou um saco de papel abandonado no corrimão da escada que ia dar a um piso feito de restos e voltou com as mãos vazias. Levantei-me, lavei as minhas, peguei no saco sem olhar para o interior. Fomos *exatos*. Na rua, o vento trazia sal até ao nariz com

origem rastreável no molhe, nada de literatura, só a superfície a secar nos dedos.

Atravessei a estrada, meio sem pressa, meio com urgência. No Fiat, abri o saco. Um mapa pequeno da zona, traço vermelho com duas setas discretas a assinalar vias sem câmara e uma observação escrita a lápis: E90 a leste, evitar Tropea até à troca final. Eu ia a ocidente, mas o destino ficava do outro lado, a rota Jónica, a SS106/E90, a coluna vertebral no mapa que me levava até ao ombro onde o mar se inclina. Guardei o mapa e arrumei o saco na mala com os livros. Verifiquei outra vez o boião no porta-luvas. A mão tremeu menos. Fala baixa:

— Estamos em movimento, companheiro.

Na saída do povoado, a última câmara municipal escreveu-me no caderno dela com a matrícula nova; sorri com a ironia de quem sabe que uma história perfeita não existe quando a logística é feita por gente a respirar. Entrei na autoestrada curta, apanhei a A2 pelo braço, desci uma meia dúzia de quilómetros, saí para a 280, a 106 apareceu-me à esquerda como uma linha contínua de alcatrão com cicatrizes. E90. O mar ao lado ia ficando mais aberto, mais ímpio. Desliguei o ar condicionado, abri a janela dois dedos, senti o golpe de ar quente misturado com o cheiro do gasóleo flutuante, peixe no alumínio das caixas e o descanso das algas a secar no costado dos barcos encalhados.

O telemóvel descartável ligou-se sem plano, só para medir a presença. Não acedi à rede. Guardei o número num caderno, escrevi por cima uma linha fria, para que a minha cabeça não trocasse o papel com a superstição. O outro telemóvel, o meu, trouxe outro áudio da Maria Victória, que nem abri. Este anda a pedir lugar na fala e eu, canalha temporário, a empurrar para a margem enquanto conduzo com cinzas no porta-luvas e um mapa a roer-me o tempo. Desliguei o principal por completo. A viagem reclamou o monopólio.

Passei na berma por uma carrinha com equipamento para levantamento de dados, câmara em mastro, duas antenas curtas, a colher números e a cilindrar devagar. Olhei-a duas vezes. A LPR municipal é um bicho mimado. Evitei olhar para o meu espelho até à próxima

rampa. Improvisar uma biografia de matrículas no meio dia não limpa todos os vidros.

Parei numa área de serviço fugidia, duas bombas e um minimercado com fruta fresca e velas para santos com pó. Comprei uma garrafa de água fria e uma navalha com cabo de osso estragado. A lâmina nova precisava de propósito. Regressei ao carro, sentei-me de lado e abri o porta-luvas outra vez. O boião branco trouxe-me a sala da clínica à memória, a transparência das máquinas a transformarem a respiração em linhas que sobem e descem, a dignidade do meu Argo a aceitar o fim com uma modéstia que me humilhou. Toquei no boião com a lâmina fechada, como quem consagra objetos com sombra de ritual. Fechei. Liguei. Saí.

A estrada afinou-me os sentidos. Os camponeses vendiam cebolas roxas em montes e tomates numa mesa articulada, com os sacos a balouçarem e as mulheres de lenço a olharem os carros como se fossem avaliações. O mar ali, a planura tímida a cortar a fala aos que falavam alto. Eu não disse nada. Conduzi. À esquerda, placas para Catanzaro Lido, mais adiante, Crotone como uma palavra dura. Eu ainda não decido onde. Eu apenas alimento o movimento e carrego o que me coube.

Uma patrulha da *stradale* encostada à sombra de um pinheiro anão e dois chapéus pousados em cima do *capot*. Não olhei; um olhar movediço monta a história. As matrículas falsas brilhavam no sol com o excesso de verniz. Tornei a pensar no primeiro registo no aeroporto com a matrícula de origem e percebi que já não controlo as versões, controlo apenas o modo como a próxima imagem me apanhará o perfil. O tempo vai precisar de fazer contas e eu darei sempre um número a menos.

O barulho da estrada era uma faixa contínua grave, já incómodo, com a jante a repetir-se como mantra barato. O Fiat, leal nesse desinteresse técnico, estabilizou. Senti fome e não parei. O corpo em choque tem uma dieta de ruído e água. Eu, estava a obedecer.

A pergunta abria-se e fechava-se na língua: transporte restos ou carrego promessas. Pus a palma da mão direita no painel, à frente do porta-luvas e senti a vibração do plástico, 1,2 milímetros de amplitude a 2.000 rotações, a ressonância de uma coisa simples que me

lembrava uma outra, mais antiga. O Argo a dormir no banco de trás nas viagens ao Douro, sereníssimo, o focinho a apontar a janela e a língua a recolher o ar quente como se fosse a notícia de um jornal. Parei de pensar. O sentir devolveu-me à regra de base: encara o que acontece, não o que gostavas que acontecesse.

Tropea apareceu numa placa com uma seta oblíqua. Fiz o que a nota a lápis dizia: evitar até troca final. Passei adiante. O sol desceu um ponto na régua invisível do céu. Teci a ideia de um sítio menos observado para fazer o último gesto técnico do dia. Encontrei uma ruína de estação de serviço, pompa de betão e ferrugem, com dois pilares em pé como ossos de costela expostos e uma placa a dizer “*Chiuso per ristrutturazione*”, um cão velho dormia no cimento sem coleira. Parei na sombra improvisada de um lambrim caído. Calhou bem. A navalha veio para a mão e o saco com as matrículas também. Verifiquei os parafusos depois de trinta quilómetros com vibração constante, apertei um quarto de volta na traseira e confirmei à frente. Confirmei o mapa mental das câmaras com os olhos varridos em 180 graus. Nada de lentes evidentes. Meti as matrículas antigas num saco de lixo preto, fechei-o e escondi-o no compartimento vazio da roda suplementar.

Enfie os livros no compartimento lateral do porta-bagagens, deitados, como quem arruma umas mantas. Fui ao banco do passageiro, passei a mão no tecido e voltei a afagar o vazio, o gesto a querer ciência e a vomitar hábito. Um camião passou na 106 e deixou um rasto curto de calor a puxar o ar para trás. Fechei as portas. Encostei o crânio ao encosto. Falei de copo cheio, para ninguém ouvir. Argo, estás aqui. E eu aqui, a levar-te ao ponto onde o começo me cobra a despedida.

Arranquei e deixei para trás a ruína e o cão sem nome que dormia. A E90 abriu um pouco, a monotonia dos quilómetros tornou-se um campo de aterragem para o pensamento operacional. Lista de contactos limpa, o número de Nápoles guardado e não usado. Um encontro a combinar algures na areia, ao cair da tarde, como quem escreve um título e espera que a imprensa não note. O contrato de sentir segue comigo, amarrado ao boião, à trela e ao recibo do Fiat. A chantagem é íntima; não há tribunal que me absolva.

Quando a noite começou a juntar-se nas copas recortadas dos eucaliptos, desliguei o mundo. Não há música. O silêncio no carro não é absoluto, é a soma de vibrações mínimas, vidro, pneu, motor no regime médio e o corpo a aceitar o VHF do nada. Cheguei a um motel de estrada com letras faltosas a fazerem de nome. Não parei. O assoalho de pinho de outra noite espera-me noutra cidade. Hoje, conduzo até sentir o sal na respiração. Hoje, não falo com Maria Victória. Hoje, o Argo viaja inteiro no meu gesto. Hoje, a rota Jónica tomou a palavra. Amanhã, alguém pedirá contas. Eu estarei a meio de uma resposta. Ai de quem me interromper quando eu disser agora, sinto.

Capítulo 2

As Colunas e o Sopro

Capo Colonna, 25 de setembro de 2025

O areal baixo rendia-se à rocha. As colunas dóricas marcavam quatro riscos no céu branco. O chão tinha pó fino que entrava pelas sandálias dos turistas e me secava a boca. Sentei-me num bloco de calcário tombado, a três passos do trilho batido, para ver sem oferecer o perfil às câmaras que guardam a entrada. Ao longe, um homem chamava “*uagliò*” a dois rapazes que empurravam um carrinho de gelados. O vento trouxe o cheiro de algas queimadas pelo sol e de sal marítimo vindo do lado do cabo. O sol deslocava-se um dedo. Respirei pela esquerda, onde o pulmão não latejava tanto com o pó. A primeira assobiadela do Argo tinha começado num dia assim, ar seco, bronquíolos teimosos e aquele som envergonhado antes de tudo o resto acontecer. A morte demora, mas não é vida.

O Fiat ficou alinhado de lado, a traseira para os arbustos mais altos e porta do condutor voltada para fora. Apontei o retrovisor para a própria janela, para conseguir um corte pequeno de luz para que o interior ficasse menos visível. O boião branco dormia no porta-luvas, encostado a uma fenda de espuma que improvisei com o saco do mapa. Toquei no plástico com dois dedos, fechei. As colunas olhavam cada um à sua maneira; a pedra sobrevive pior do que parece quando encostamos o rosto.

Ele chegou cinco minutos depois da hora combinada. Vestia uma camisa branca barata, um boné de *baseball* sem logótipo e trazia as mãos quietas. Andou direito a mim e não me olhou. Pousou as costas no bloco ao lado do meu. Ficámos a olhar em frente, para os turistas a tirarem fotografias com o mar a cortar o fundo, onde duas gaivotas pediam migalhas sobre a passadeira de madeira.